

RUA BARÃO DE ATIBÁIA

Denominação dada por volta de 1883

Formada por rua sem denominação do bairro do Guanabara

Início na avenida Francisco Glicério

Término na rua José de Campos Novais

Vila Itapura

Guanabara

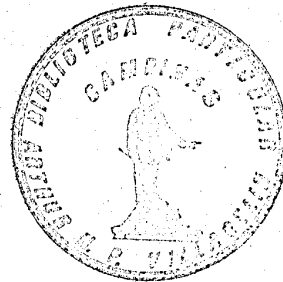
BARÃO DE ATIBÁIA

Joaquim Antonio de Arruda nasceu em Campinas a 13-novembro-1809 e faleceu em Campinas a 27-julho-1881. Era filho de Antonio Manuel de Arruda e Maria Batista Aranha e foi casado com Gertrudes Leopoldina de Abreu Soares, não deixando descendência. Abastado agricultor de Campinas e região, possuía três fazendas de café: Rosário, Samambaia e Capuava, situadas entre Campinas, Valinhos e Souza e a fazenda Cascata, entre Cosmópolis e Paulínia, esta, fazenda de criação, com mais de 400 alqueires de terra. Bastante pródigo, concorreu com dinheiro para a instalação da Paróquia de Santa Cruz, para a fundação da Casa do Clube Semanal, Colégio "Culto à Ciência", Escola "Corrêa de Melo", Hospital de Variolosos e Morféticos, ajardinamento da praça da Matriz Velha e do Passeio Público. Concorreu também com seu apoio, animação e dinheiro para a organização da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Decisiva também, foi sua intervenção de apoio e fortuna nas construções das Companhias de Estradas de Ferro Mogiana e do Norte (Central do Brasil). Teve ativa participação na fundação e manutenção da Santa Casa de Misericórdia. Foi presidente do Clube da Lavoura de Campinas, Capitão da Guarda Nacional e provedor da Irmandade do Santíssimo. Quando da visita do Conde D'Eu e da Princesa Isabel à Campinas, em outubro de 1874, recepcionou os visitantes, sua comitiva e demais autoridades, em seu solar e em sua fazenda Rosário. Por decreto de 15-novembro-1882 o governo imperial concedeu-lhe o título de Barão de Atibáia, cumprindo observar ter sido ele o primeiro campineiro agraciado com o título nobiliárquico. Em 27-junho-1868 foi nomeado Cavaleiro da Imperial Ordem de Cristo, pelos relevantes serviços que prestou, por ocasião da Guerra do Paraguai.

B. P. M. "Prof. E. M. Zink"

Documentário de Campinas

BARÃO DE ATIBAIA



ATIBAIA - Joaquim Antônio de Arruda, barão de
morreu em 1881.

Barão por decreto de 15 de novembro de 1862.

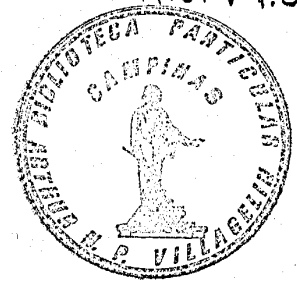
Nasceu em Campinas em 13-11-1809

Faleceu em Campinas em 27-07-1881

Bibliografia:

Grande Enciclopedia Delt Larousse.

v. 2 - p. 581.



Barão de Atibaia

Hélio Duarte de Arruda

Marcando dia 13 deste o 153.º aniversário natalício do pres- tante cidadão campineiro, João- quim Antônio de Arruda (Barão de Atibaia), vimos com es- tes apontamentos biográficos prestar uma homenagem a sua memória.

Nasceu o Barão de Atibaia a 13 de Novembro de 1809, em Campinas, tendo sido batizado a 23 do mesmo mês e ano, na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição (Matriz Velha), com o nome de Joaquim

Antônio. Era filho de Antônio Manuel de Arruda e de sua mulher e prima irmã Da. Maria Batista Aranha, neto pater- no de Justo Prêto Maciel e de sua mulher Da. Angélica Pe- droso, neto materno de José Pires de Camargo e de sua mulher Da. Maria Batista Ara- nha (primeira deste nome). Casou-se em Campinas a 13 de abril de 1841 com Da. Gertru- des Leopoldina de Abreu Soa- res, nascida em Campinas a 26 de outubro de 1824, onde foi batizada a 3 de novembro de 1826 e onde faleceu a 3 de janeiro de 1903, filha do Co- mandador Joaquim José Soa- res de Carvalho e de sua mu- lher Da. Maria Felicíssima de Abreu Soares. Não teve filhos, mas adotou uma sobrinha, Da. Narciza de Arruda Pereira da Silva, filha de Bernardino Jo- sé de Arruda, seu irmão, e de Da. Maria Luzia Soares de Ar- ruda, irmã da Baroneza de Atibaia.

Exerceu Joaquim Antonio de Arruda cargos de eleição e de nomeação, tendo sido também chefe prestigioso do antigo Partido Conservador, ao qual foi sempre extremamente dedi- cado, nunca medindo sacrifi- cios na defesa de sua ideologia política, chegando mesmo, em 1842, a tomar armas para aba- far a rebelião liberal, rebenta- da nas Províncias de Minas Ge- rais e São Paulo (Venda Gran- de).

A humanidade e o civismo foram sempre as qualidades mais marcantes do seu espí- rito nobre e empreendedor, estando a sua bolsa sempre aberta para auxiliar a todos os empreendimentos, de or- dem moral ou material em be- nefício do município e da ci- dade. A ele se deve, por exem- plo, a criação e instalação da Paróquia de Santa Cruz (atual Nossa Senhora do Carmo), pa- ra cuja matriz dispendeu ele- vadas somas, empregadas em reparos do templo, aquisição de alfaias, instauração da no- va Paróquia, etc. Era prove- dor da Irmandade do Santíssi- mo Sacramento, tendo feito desde a primeira Semana San- ta dessa Paróquia em 1871, até a última em 1881, ano do seu falecimento. Concorreu com o seu apoio, animação e dinhei- ro para a grande primeira em- presa de estrada de ferro da Província, pondo-se à frente do grupo que combatia a fusão de interesses do tronco desta

linha, com o prolongamento de Rio Claro, combatendo vigorosa- mente o projeto sustentado pela diretoria da Companhia Paulista. Foi também decisiva a sua intervenção de apoio e fortuna nas construções das companhias de Estradas de Ferro: Mogiana e do Norte (atual Central do Brasil), ten- do, em julho de 1877 (data da inauguração desta última) hos- pedado em seu solar, Sua Alteza Imperial o Príncipe Gas- tão de Orleans, Conde D'Eu, bem como outras personalida- des políticas, entre as quais o Visconde do Branco, o Visconde de N. e o Viscon- de de São Lou. e o Sena- dor Firmão Rodrigues da Sil- va.

Concorreu com avultadas quantias para a fundação da "Casa do Clube Semanal" (atual Clube Semanal de Cul- tura Artística), "Colégio Culto à Ciência" (atual Ginásio do Es- tado), da "Escola Correia de Melo", do "Hospital de Vario- lócos e Morféticos", do ajardi- namento da "Praça da Matriz Velha" (atual Praça Bento Qui- rino) e do "Passelo Público" (atual Praça Imprensa Flumi- nense). Teve participação ati- va na fundação e manutenção da Santa Casa de Misericórdia, da qual foi irmão Beneméri- to. Esteve o seu dinheiro sem- pre pronto para socorrer a pobreza, para a defesa da in- tegridade da Pátria e para os negócios do partido, do qual era digno chefe. Foi também presidente do Clube da Lavou- ra de Campinas, tendo tido oportunidade de participar do Congresso Agrícola, realizado em São Paulo, em 1878, por promoção do Ministério da Agricultura, tomando parte ativa em todos os debates. Em Outubro de 1874, quando esti- veram em Campinas Suas Alte- zas Imperiais o Conde D'Eu e a Princesa Izabel, hospeda- dos na residência de Da. Ma- ria Luzia de Souza Aranha, de- pois Baroneza e Viscondessa de Campinas; no dia 24, o Ba- rão de Atibaia recebeu na sua fazenda Rosário a mais ou me- nos uma légua e meia desta cidade, Sua Alteza Imperial o Conde D'Eu e sua comitiva, composta entre outras pessoas, dos conselheiros Duarte de Azevedo e Martim Francisco, do Conde de Barral, do então Barão de Três Rios e dos Drs. Rapozo e Lisboa. Depois de um bem servido "lunch", Sua Alteza Imperial teve a oportu- nidade de percorrer as diver- sas dependências da sede da Fazenda, mostrando interessar- se por tudo, quanto se liga à cultura do café, muito impor- tante neste município. No dia 28, de volta de Mogi Mirim, depois do almoço, Sua Alteza Imperial, acompanhado dos Srs. Conde de Barral, Barão de Atibaia, Barão de Três Rios, Comendadores Carlos Manuel e Joaquim Pollicarpó Aranha (depois Barões de Anhumas e

Itapura), Antônio Eydio de Souza Aranha, Francisco Pom- pêo do Amaral, Drs. Rapozo e Lisboa, o Juiz de Direito Mu- nicipal, o Promotor Público e mais pessoas de sua comitiva, de carro, percorreram diversos setores da cidade, tendo de- pois, honrado com a sua Au- gusta Visita, a Exma. Família do Barão de Atibaia.

Possuía Joaquim Antonio de Arruda a patente de Capião da Imperial Guarda Nacional. Por decreto de 15 de Novem- bro de 1862, concedeu-lha o Governo Imperial o Título de Barão de Atibaia, cumprindo observar que foi ele o primei- ro filho de Campinas, agracia- do com um título nobiliárqui- co. Em 27 de junho de 1868, foi nomeado Cavaleiro da Im- perial Ordem de Cristo, pelos relevantes serviços que, em re- lação à guerra do Paraguai, prestou na Província de São Paulo. Em 1878 fez uma via- gem de recreio à Europa, apro- veitando para conhecer o que de mais importante havia no velho continente.

Era o Barão de Atibaia la- vrador muito conceituado, possuindo além das três fazen- das de café, Rosário, Saman- bala e Capuava, situadas entre Campinas, Valinhos e Sousa, formadas por si próprio, a

fazenda Cascata, situada entre Cosmópolis e Paulínia, fazen- da de criação, com mais ou menos quatrocentos alqueires de terras.

Faleceu o Barão de Atibaia em Campinas, às quatro horas da tarde, do dia 27 de Julho de 1881, em sua residência, à rua do Rosário (atual Aveni- da Francisco Glicério), esqui- na da rua Barreto Leme. Deu- se o enterramento com o fére- tro acompanhado por imenso número de pessoas, de todas as cores políticas, tendo sido levado à mão, da casa até a Igreja. No templo, quando se abriu o caixão, dois filhos do Capitão Bierenbach, subindo ao catafalco, depositaram uma rica coroa de saudade aos pés do finado, em memória de seus avós. Desembargador Vi- cente Ferreira da Silva Bueno e sua esposa, em sinal de gra- tidão pelo muito que, em be- nefício deles, fizera o Barão. No cemitério oraram à beira do tumulo os Drs. Luis Silvê- rio Alves Cruz, Francisco Cos- ta Carvalho e Bernardo Cassia- no de Noronha Gonzaga.